

# TEMPO PRESENTE E CULTURA DA MÍDIA: CONVERGÊNCIA E INTELIGÊNCIA COLETIVA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

CÉSAR HENRIQUE DE QUEIROZ PORTO CORREIO\*  
MATHEUS FELIPE BARBOSA E ALVES CORREIO\*\*  
JOSÉ EUSTÁQUIO CHAVES FILHO CORREIO\*\*\*  
KARINE RODRIGUES DIAS CORREIO\*\*\*\*

---

## RESUMO

Este artigo aborda a Cultura da Mídia, enfatizando a Convergência e a Inteligência Coletiva gerada por essa cultura, realizando um trabalho de História do Tempo Presente a partir do estudo de dois casos concretos que se desenrolaram ao longo de 2011: a polêmica sobre a coleção outono/inverno da Arezzo e as revoltas e rebeliões em dois países no Oriente Médio. Em ambos os casos o espaço de discussão e organização das manifestações foi o ciberespaço. Analisamos como a Cultura da Mídia se desenvolve como um lócus de organização de inteligência coletiva e seu poder no cotidiano da sociedade contemporânea.

**PALAVRAS-CHAVE:** tempo presente, cultura da mídia, inteligência coletiva.

## ABSTRACT

This article approaches to the Media Culture emphasizing the Convergence and Collective Intelligence produced by this rising culture, doing a work of History of Present Time set from the study of two truthful cases that happened along the year of 2011: the controversy about the autumn/winter collection of the brand Arezzo and the uprisings and rebellions in two countries of Middle East. In both cases the discussion and organization space was the cyberspace. We shall analyze how this Media Culture develops itself as a locus of organization and collective intelligence and its power on the routine of contemporary society.

**KEYWORDS:** present time, media culture, collective intelligence.

---

## Tempo presente e cultura da mídia

A História do Tempo Presente envolve a emergência da sociedade midiática e os conflitos ocorridos no final do século XX e início do XXI, inclusive manifestações sociais contemporâneas. O pesquisador do recente é contemporâneo dos acontecimentos que estuda, enquanto o vivido e midiático é problematizado na interação entre passado e presente, e inserido na perspectiva da longa duração. A vontade de reagir e explicar o presente, o aumento e aceleração da comunicação e os impactos dos acontecimentos deste último século impulsionam os estudos do Tempo Presente. A mídia “atualiza” a realidade constantemente, dando a impressão de que tudo é história, oferecendo, assim, ao historiador o desafio de converter o presente vivido em reflexão histórica.

O ofício do historiador passa pela construção de conexões entre o passado e o presente, propondo correlações entre as duas temporalidades, considerando que a história do presente pertence a um tempo marcado por uma atualidade em que os atores ainda circundam a sociedade. A imprensa evidencia um papel decisivo na produção dos acontecimentos, uma vez que torna público o fato, trazendo à tona o momento histórico presente. A mídia “fabrica permanentemente o novo”.<sup>1</sup> A História do Tempo Presente seria assim, uma escrita de um tempo que se insere nos discursos sobre a modernidade contemporânea.

Marc Bloch considerou a história como sendo a ciência que estuda o homem no tempo e espaço. No entanto, em momento algum disse que o tempo deve ser passado ou distante do nosso. Ao contrário, em seu método regressivo ponderou que o princípio de toda e qualquer investigação histórica se encontra no presente. A função social da história nos leva a propor respostas para problemas do hoje, e não do ontem. Voltamos ao passado para compreender determinadas situações

contemporâneas ou aprendermos como proceder em determinados contextos:

[...]não há senão uma ciência dos homens no tempo e que incessantemente tem necessidade de unir o estudo dos mortos ao dos vivos. Como chamá-lo? Já disse que o antigo nome de história me parece o mais compreensivo, o menos exclusivo, o menos carregado também das comoventes lembranças de um esforço muito mais secular; portanto, o melhor. Propondo assim estendê-lo, contrariamente a certos preconceitos, aliás muito menos velhos do que ela, até o conhecimento do presente[...].<sup>2</sup>

Em sua postura renovadora diante da História Positivista, Bloch deixa clara a sua posição diante de uma história que valoriza o presente. O preconceito de que a história pertence aos mortos por trabalhar com fatos consumados, como exposto no texto de Bloch, é mais recente que a musa *Clio*. Os pais fundadores desta área de conhecimento, Heródoto e Tucídides, se não foram historiadores do presente podem ser considerados precursores, pois falavam de seus cotidianos e vivências como pressupõe essa modalidade de fazer história que vem sendo redescoberta:

Os velhos historiadores gregos, um Heródoto, um Tucídides, mais próximos de nós, os verdadeiros mestres de nossos estudos, os ancestrais cujas imagens merecerão eternamente figurar na *cella* da corporação, jamais imaginaram que, para explicar a tarde, bastasse conhecer, no máximo, a manhã.<sup>3</sup>

Para um conhecimento dos problemas que afligem o homem em seu tempo é necessário mais que conhecer apenas o seu passado. É preciso conhecer o seu presente. O historiador, ao fazer o percurso constante nas direções do passado e do presente, se torna capaz de construir novas interpretações para a compreensão da contemporaneidade. Eric Hobsbawm também fala acerca da importância do tempo presente em alguns de seus trabalhos, como *A Era dos Extremos* (1995), *Sobre História* (1998) e *Globalização, Democracia e Terrorismo*

(2010).<sup>4</sup> A bem da verdade, na introdução da primeira obra, ele demonstra relutância em trabalhar com algo que vivenciou, mas supera essa barreira por sua crença no trabalho do historiador que é “compreender” os fatos em si.

Hobsbawm acreditava que eventos tão importantes como os que marcaram o breve século XX mereciam uma análise apurada de um historiador que, mesmo possuindo conceitos e preconceitos formados em suas vivências com os fatos a serem estudados, se comprometesse a tentar compreender em vez de julgar o século passado.

Diante de uma demanda intensa de pessoas ávidas por uma inteligibilidade dos acontecimentos recentes, percebe-se que o presente torna-se passado não pela sua cronologia ou pelo seu distanciamento, mas pela construção que o historiador faz de seu objeto de estudo<sup>5</sup>. Nesse sentido, a História do Tempo Presente é a história de uma época qualquer escrita pelos contemporâneos, buscando uma compreensão que vem de uma experiência da qual o historiador participa com todos os outros indivíduos. É claro que sempre existiu uma tensão no trabalho dos historiadores de todas as épocas em relação à concepção de que não se pode investigar sobre o período contemporâneo, pois não se poderia compreender um processo que é inacabado. No entanto, a historiografia é um processo de releitura do passado que gera pontos de vista distintos sobre determinados objetos, apresentando novas ideias e interpretações a cada nova documentação ou fonte, o que justifica sua reescrita e o interesse pelo recente ante a complexidade do mundo atual ocasionado pela transformação operada pelos *mass-media*.

A cultura veiculada pelas mídias acomoda o cotidiano, comportamentos e a percepção da sociedade sobre o mundo, além de determinados fenômenos sociais.<sup>6</sup> Os meios de comunicação de massa e os produtos culturais midiáticos são mediadores de uma realidade que é construída, historicamente, a partir de representações e discursos visuais

e verbais emanados de diferentes instituições sociais que contribuem para modelar uma visão predominante de mundo.

Para Kellner,<sup>7</sup> o termo cultura da mídia assinala tanto as formas de produção da indústria cultural quanto seu modo de distribuição, ou seja, as tecnologias. Desse modo, a cultura da mídia envolveria as interfaces entre a cultura e os meios de comunicação, designando a conquista da cultura pela mídia e constituindo-se como o principal meio para sua circulação e disseminação. Isso ocasiona uma série de transformações no âmbito cultural devido ao desenvolvimento dessas novas tecnologias midiáticas que, pelos seus textos, criam formas de dominação ideológica, induzindo os indivíduos a identificarem-se com as relações e posições dominantes ao mesmo tempo em que fornecem material para a luta e a resistência, constituindo a principal forma de socialização do mundo contemporâneo.

A constituição dos modos de ser e viver são hoje em grande parte condicionados pelos padrões e modelos fornecidos pela cultura da mídia. Kellner, ao fazer menção ao conceito frankfurtiano de indústria cultural, esclarece que a mídia funciona segundo um modelo industrial cujos produtos são mercadorias criadas para atender aos interesses de seus controladores, que são os gigantes conglomerados transnacionais. O entretenimento é o principal produto oferecido pela cultura da mídia, que espetaculariza o cotidiano, a fim de obter audiência e criar identificações com as representações sociais e ideológicas nela presentes.

Com o advento da cultura da mídia, os indivíduos são submetidos a um fluxo de imagens e sons dentro de sua própria casa. Um novo mundo passa a ser reordenado em termos de percepções de espaço, de tempo, que muitas vezes anula distinções entre realidade e representação. Contudo, por mais que a mídia redesenhe nossas práticas cotidianas, Kellner, tomando como referência a tradição dos Estudos Culturais Britânicos, admite que o público possa resistir às mensagens dominantes,

criando sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se dos produtos midiáticos.

O processo de globalização expandiu-se para além dos setores políticos e econômicos, fazendo-se presente nos meios de comunicação e, como efeito colateral, gerando um fluxo de informações contínuo quase que infinito.

Um dos principais responsáveis por essa dinamização da comunicação foi o crescimento da internet. O estouro da bolha *pontocom*, além de possibilitar a comunicação instantânea de indivíduos de diferentes pontos do mundo e a visualização de imagens ao vivo, gera um banco de dados de capacidade imensurável. São sítios eletrônicos de diversas nacionalidades, línguas, temas, funções, ideologias, etc. Diz-se que: “se não tem no *google*, não existe.” Acha-se de tudo na web, desde informações e materiais educativos a existência de sites de conteúdo racista, xenófobo, pornográfico ou de puro incitamento à violência.

Somada a outras ferramentas da Cultura da Mídia, a internet “desregionalizou” as culturas. Através de filmes, séries, novelas, desenhos, revistas, documentários, artigos, sites e até mesmo eventos diversos, culturas distintas são apresentadas e incorporadas a sociedades culturalmente diferenciadas.

Para Pierre Lévy, a internet tornou-se símbolo do meio heterogêneo e *transfronteiriço* do ciberespaço:

Graças às redes digitais, as pessoas trocam todo tipo de mensagens entre indivíduos ou no interior de grupos, participam de conferências eletrônicas sobre milhares de temas diferentes, têm acesso às informações públicas contidas nos computadores que participam da rede, dispõem da força de cálculo de máquinas situadas a milhares de quilômetros, constroem juntos mundos virtuais puramente lúdicos – ou mais sérios –, constituem uns para os outros uma imensa enciclopédia viva, desenvolvem projetos políticos, amizades, cooperações[...], mas dedicam-se também ao ódio e à enganação.<sup>8</sup>

A ascensão do universo digital possibilitou uma maior integração entre os vários suportes tecnológicos. A internet, por exemplo, é um espaço onde as várias mídias podem ser encontradas e que possibilita o armazenamento e a difusão de todos os padrões midiáticos existentes (impresso, imagem, som e vídeo). A junção destes formatos em um único espaço recebe o nome de convergência. A Cultura da Convergência é algo relativamente novo, principalmente para nós brasileiros. É válido lembrar que tal cultura só existe por conta da tecnologia que a era da informática e da web produziram. Nesse início da segunda década do século XXI, o mundo vivencia uma “quebra” de fronteiras, encurtamento das distâncias e aumento da velocidade de comunicação que há duas ou três gerações poucas pessoas ao redor do globo ousavam imaginar.

Para Henry Jenkins, a Convergência deve:

[...]ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos.<sup>9</sup>

A convergência leva os consumidores a buscarem mais informações sobre o objeto e a fazerem conexões de conteúdos de mídias distintas. Ao vermos no *youtube* o *thriller* de um determinado filme que nos chama a atenção, imediatamente fazemos uma rápida pesquisa para vermos a sinopse, o diretor, atores, notícias, etc. Sendo ele adaptação de um romance, podemos comprar o livro para dispormos de maiores detalhes da trama. Assim funciona o mecanismo da convergência. O interesse ou a curiosidade leva o consumidor a buscar mais informações sobre o objeto.

No entanto, cabe destacar que esse processo não é sinônimo puro e simplesmente de uma dinâmica tecnológica. Jenkins chama a atenção

para o fato de que a “convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros.”<sup>10</sup>

Pierre Lévy diz que a unificação dos meios e objetos midiáticos em uma única indústria multimídia não é a única e nem a principal consequência do desenvolvimento dessa nova cultura gerada através do ciberespaço. Ele destaca os aspectos civilizatórios ligados ao desenvolvimento da multimídia, tais como

[...] novas estruturas de comunicação, de regulação e de cooperação, linguagens e técnicas intelectuais inéditas, modificação das relações de tempo e espaço etc.[...] Escolhas políticas e culturais fundamentais abrem-se diante dos governos, dos grandes atores econômicos, dos cidadãos.<sup>11</sup>

Em meio a esse novo mundo que se apresenta, Pierre Lévy aponta o surgimento da inteligência coletiva, um meio de troca de pensamentos isolados que se unem nesse novo ambiente virtual, criando novos símbolos, linguagens e regras. A inteligência coletiva é a humanidade unida para superar os desafios impostos por esse novo modelo de nomadismo que é gerado pela expansão multimídia.<sup>12</sup>

Entendemos que a inteligência coletiva pode ser pensada como uma das formas de manifestação da cultura da convergência, pois a emergência das redes sociais, tais como o *Twitter* e o *Facebook*, ao longo da primeira década do atual milênio propiciaram formas de interação entre as pessoas com significativo impacto no cenário sócio-político. Conforme teremos oportunidade de destacar adiante, essas redes tiveram um papel fundamental nas grandes manifestações populares que terminaram por derrubar velhas ditaduras em países árabes da África do Norte.

A convergência é fruto da Cultura da Mídia que dia após dia se torna mais interativa, fragmentada e complexa. A interatividade se dá a partir do momento em que o espectador/consumidor passa a interferir

na programação televisiva como no desenrolar de uma trama seriada, novelística ou livresca, participa de enquetes na web, e até mesmo define, através da audiência, se uma franquia fílmica terá sequência ou não. A interatividade também se dá na comunicação, onde se tornam comuns as videoconferências e redes sociais. Suas manifestações podem levar os receptores a empreenderem mobilizações em direção a críticas a determinadas políticas ou até mesmo a certos produtos, como também destacaremos mais a frente.

A Cultura da Mídia torna-se fragmentada uma vez que a informação completa não se dá através de um único meio como há algum tempo atrás. Tornaram-se comuns as propagandas televisivas que apresentam algo chamativo e finalizam no que podemos chamar de clímax, deixando-nos curiosos sobre a sequência que pode ser vista em propaganda veiculada certo tempo depois ou que seja disponível apenas no site da empresa, sendo essa uma jogada de marketing para atrair os consumidores a um ambiente em que tudo será pensado para o espectador/consumidor aderir à marca da empresa.

Isso quer dizer que as empresas investem cada vez mais nas *love marks*: “termo cunhado por Kevin Roberts [...], para se referir às empresas que provocam um investimento emocional tão forte por parte dos consumidores que acabam conquistando uma ‘fidelidade além da razão.’”<sup>13</sup> O reverso disso também é observado na medida em que a cultura da mídia, principalmente a partir da sua dimensão eletrônica, pode se constituir em importante ferramenta que leva seu público não apenas a adesão, mas até mesmo a rejeição a determinados produtos, modas e tendências, como o caso *Arrozão* revelou.

Portanto, nota-se que os meios de comunicação no atual estado de desenvolvimento tecnológico e cultural ajudaram na promoção do fenômeno da convergência cuja manifestação pode se apresentar de várias formas. No próximo tópico, apresentaremos dois estudos de casos

em que os processos de convergência se aplicaram de forma concreta na sociedade atual.

### **A manifestação da convergência na sociedade contemporânea**

Para esse artigo, inicialmente analisaremos a polêmica relacionada ao lançamento da coleção Outono/Inverno 2011 da *Arezzo* na qual foram confeccionados acessórios com pele de raposa e coelho. Os consumidores e membros de sociedades protetoras dos animais, ao saberem do lançamento dessa coleção, iniciaram manifestações de repúdio, principalmente pela web, fazendo o assunto ser o mais comentado nos *Trend Topics* do *Twitter* Brasil no mês de abril do mesmo ano e contribuindo para a retirada do material das lojas brasileiras.

Em seguida, analisaremos também os protestos que vêm ocorrendo no mundo árabe,<sup>14</sup> em especial as manifestações que envolveram a Tunísia e o Egito, visto que essas compartilharam técnicas de resistência civil sustentadas em greves, manifestações, passeatas e comícios, bem como o uso das mídias sociais, como *Facebook*, *Twitter* e *Youtube* para organizar, comunicar e sensibilizar a população e a comunidade internacional em face às tentativas de repressão e censura na Internet por parte dos Estados.

O caso da *Arezzo* é um típico fenômeno da Cultura da Convergência que vem surgindo desde meados da década de 1990. Mídias diversas detêm informações que se completam quando uma mente coletiva passa a agir.<sup>15</sup> Logo que se iniciaram as primeiras manifestações contra a coleção Outono/Inverno 2011 na internet, mais especificamente na rede de relacionamentos denominada *Twitter*, os surfistas da web, consumidores ou não dos produtos *Arezzo*, uniram-se em prol da retirada dos acessórios das lojas.

Como apontado na reportagem da revista *Veja* sobre o caso:

[...]após a divulgação da novidade nas mídias sociais, como o *Twitter* e o *Facebook*, a revolta foi grande. Surgiram comentários como “Vou torcer pra arezzo falar junto com sua mega ignorância!!! (sic)” e “a #arezzo tem q dar graças q o povo só xingou muito na internet. se fosse a glr da PETA<sup>16</sup> as vitrines hj estariam cheias de tinta vermelha! (sic).”<sup>17</sup>

Essa manifestação ganhou ressonância sendo divulgada por outras mídias, como discutido por Jenkins, e ampliando o debate sobre esta polêmica, fruto de uma inteligência coletiva. O desfecho foi a retirada do material das lojas *Arezzo* de todo o Brasil, como declarou Anderson Birman, criador do grupo de calçados da empresa, à revista *Veja*, dizendo:

[...]acredito que a situação tomou tal proporção principalmente por causa das redes sociais. Muito mais do que uma ação da *Arezzo*, toda essa confusão é fruto do movimento na internet. Por isso, decidimos recolher as peças, não vale à pena comprometer o brilho da coleção por causa de alguns itens.<sup>18</sup>

A inteligência coletiva atuou de forma natural nesse caso, sem a necessidade de uma orientação vertical. Partindo dos próprios internautas, a discussão de defesa dos animais silvestres ganhou forma e promoveu um marketing negativo para a empresa detentora dos produtos em discussão no que poderíamos cunhar de *hate marks*, que ao contrário das *love marks*, promove o distanciamento e antipatia com o produto em destaque.

Assim sendo, a polêmica envolvendo a *Arezzo* foi reveladora da ação da inteligência coletiva, pois a movimentação virtual engendrada pelos internautas/consumidores pressionou a corporação a retirar a coleção com pele de animais, levando-a a modificar suas campanhas publicitárias.

Na sociedade atual, boa parte do debate político tem na mídia, em especial a audiovisual, a sua principal plataforma. São os vetores de socialização como a família, a escola, o trabalho e a mídia que

contribuem para difusão de um conjunto de representações de caráter normativo. É justamente nesta composição de influências diversas no seio de um clima cultural, que o indivíduo torna-se sensível à recepção de ideias e acaba interiorizando a cultura política. O cultural prepara terreno para o político.

Serge Berstein<sup>19</sup> define cultura política como um conjunto de crenças, normas e valores que contribuem para determinar a representação que um grupo ou sociedade faz de si mesma através de uma visão comum de mundo, de uma leitura partilhada do passado e dos anseios idênticos para o futuro. Berstein acrescenta ainda que a mídia audiovisual constitui-se em importante vetor de integração da cultura política. Isso ficou evidente conforme demonstrado acima no caso da *Arézzo* e também pode ser evidenciado nas manifestações que terminaram por derrubar os ditadores da Tunísia e do Egito.

A cultura política é um fenômeno evolutivo. Seu nascimento não é fortuito ou acidental, mas corresponde a respostas dadas por uma sociedade face aos problemas e crises ao longo de sua história. As manifestações que ocorreram na Tunísia e no Egito evidenciam que as lutas sociais são também conflitos de interpretação que abarca as disputas de sentido e de códigos culturais, envolvendo mudanças, descontinuidades e contradições presentes no processo político desses lugares. Sob diferentes formas de ação e em diferentes momentos, estas manifestações constroem uma nova cultura política na qual os meios de comunicação foram colocados como vetores importantes para o agendamento de temas que deveriam nortear a discussão pública naquele contexto, e que foram relevantes para influenciar no comportamento político e no desencadeamento das manifestações que ocorreram nestes países.

No início do ano de 2011, as pessoas assistiram, via televisão, internet e jornalismo escrito, uma série de protestos, manifestações e

mesmo revoluções que varreram o mundo árabe<sup>20</sup> a partir do norte da África, mas com desdobramentos na Península Árabe e até mesmo no Golfo Pérsico. Essas ações foram desencadeadas da Tunísia ao Egito, passando pela agitação na Argélia, Marrocos e principalmente na Líbia. Espalhou-se para o Iêmen, o Barein, a Jordânia e ecoou até a conservadora e puritana Arábia Saudita.

Como pano de fundo comum dessa onda de revoltas nesta vasta região, tinha-se a existência de governos autoritários<sup>21</sup> que iam de ditaduras republicanas até monarquias autocráticas,<sup>22</sup> sendo contestados por uma massa popular composta por jovens desiludidos com as poucas oportunidades oferecidas por esses regimes, juntamente com a classe média empobrecida que se integrou aos setores populares que são os menos favorecidos.

Tudo começou na Tunísia, na localidade de Sidi Bouzid, quando um jovem, Mohamed Bouazizi, ateou fogo ao próprio corpo em atitude de desespero e como forma de protesto diante da brutal repressão feita pelas forças de segurança tunisianas. Após essa imolação, vários grupos da sociedade tunisiana iniciaram uma série de protestos que logo se transformaram em revolta aberta contra o regime do presidente Zine El Abidine Ben Ali, que governava o país há mais de vinte anos e debatia-se em meio a uma forte crise econômica.<sup>23</sup>

Da Tunísia, a revolta espalhou-se para outros estados do mundo árabe-muçulmano.<sup>24</sup> No Egito, começou como uma manifestação nacional de protesto e terminou como uma revolução que derrubou uma ditadura que governava o país há mais de trinta anos. Ao longo dos vários dias que antecederam a queda do ditador egípcio Hosni Mubarak, várias manifestações sucederam-se nas principais cidades do país, notadamente no centro da capital. A cidade do Cairo registrou mobilizações na praça Tahir na ordem de milhões de manifestantes pertencentes aos vários grupos representativos da sociedade egípcia. Tal

fato aponta para a emergência de uma nova cultura política marcada por grandes manifestações populares, reunindo multidões de homens e mulheres, jovens e adultos.<sup>25</sup>

Além de Tunísia e Egito, cujas manifestações já provocaram a queda de antigas ditaduras que não conseguiram obter respaldo em meio a um clima de crise econômica, pobreza e desemprego, a revolta popular árabe espalhou-se para vários outros países no continente africano e asiático.

No que diz respeito a esses fatos ocorridos no Oriente Médio, a internet semeou as ideias de liberdade que contribuíram para a derrocada dos governos autoritários de Hosni Mubarak no Egito, e Ben Ali na Tunísia.<sup>26</sup> Elas foram fundamentais para a organização de passeatas e protestos contra as forças autoritárias. No Egito, a capacidade de mobilização pelas redes sociais foi tão grande que Mubarak ordenou o bloqueio do acesso à internet “para 90% dos 23 milhões de internautas egípcios com uso ocasional ou regular da web – dos quais 5 milhões são inscritos no *Facebook*.”<sup>27</sup>

As manifestações nesses países tiveram a participação de uma camada de jovens que se frustraram com a incapacidade do governo de gerar oportunidades de trabalho e crescimento individual. Esses jovens cresceram habituados a essas novas tecnologias, mas as forças repressoras do Estado não souberam se adaptar rapidamente a elas. A tentativa de calar as redes sociais através do bloqueio ao acesso a internet se mostrou infrutífera. Na véspera da interrupção, o Google já havia criado uma nova alternativa que era *twittar* por telefone, contornando o bloqueio digital. “Bastava discar um número e deixar uma mensagem de voz, que logo a comunicação era retransmitida pelo *Twitter*.”<sup>28</sup> Qualquer tentativa do governo de Mubarak em ocultar as movimentações de oposição e protestos se mostrou infértil.

Em seguida, as ditaduras tentaram se adaptar às novas formas de comunicação. A censura foi substituída pela tentativa do governo de divulgar, via operadoras de celulares, mensagens de apoio ao governo. Mas a sua reação foi tardia e culminou com a deposição do governo. Ao final dos eventos, foram criados grupos no *Facebook* por jovens árabes e o grande questionamento que se levantou foi identificar o desempenho que estas novas ferramentas de comunicação tiveram nas rebeliões árabes. Tornou-se consenso que elas foram importantes para as mobilizações na Tunísia e no Egito, para “expressar descontentamentos, reagrupar-se por afinidade ou se sentir reconfortado por agir de alguma maneira.”<sup>29</sup>

Contudo, os canais tradicionais da televisão e do jornalismo foram os maiores alvos de violência como a Al-Jazeera, que teve suas emissões bloqueadas tanto no Egito quanto na Tunísia, já que grande parte das notícias do meio digital provinha das redações *on-line* das mídias impressas. Outro fator importante é a capacidade que transmissões ao vivo têm de mobilizar e estimular as manifestações.<sup>30</sup> A Al-Jazeera também inovou o cenário da mídia de informação ao contornar a censura, recorrendo às imagens produzidas pelo celular dos manifestantes.

Desse modo, ficou evidente a capacidade da mídia de interferir nos processos sociais e, especialmente, nas redes sociais, que se tornaram um novo canal de comunicação e uma nova fonte de debates e ideias que alimentam as redações jornalísticas e também são alimentadas por elas. A internet permitiu que as ideias democráticas, concomitantemente as rebeliões, se espalhassem para além do Magreb e atingissem praticamente todo o mundo árabe. Conectando os povos oprimidos, destruindo a sensação de solidão comum ao homem contemporâneo, criando novas possibilidades de oposição e protesto, “as novas mídias parecem ter

inventado a fórmula da alquimia que transforma a informação em participação, e participação em ação.”<sup>31</sup>

Sami Nair,<sup>32</sup> sociólogo e filósofo, professor de Ciências Políticas na Universidade Paris VIII, presidente do Instituto Magreb-Europa da mesma universidade, em entrevista publicada na revista *Carta Capital*, afirma que o movimento ocorrido nos países árabes tem duas características fundamentais: a primeira trata-se da destruição definitiva da ideia de que esses povos são, por um lado, condenados a viver com o perigo islamita à espreita, e por outro, com regimes autoritários que seriam uma garantia contra esse perigo fundamentalista. Certamente, esse pensamento ganhou bastante força nos últimos anos, graças ao quadro eleitoral argelino no início da década de noventa, que permitiu a vitória do partido comprometido com o fundamentalismo islâmico, a Frente Islâmica de Salvação (FIS), – e que só não chegou efetivamente ao poder devido à intervenção dos militares no cenário político, mergulhando o país norte-africano na guerra civil e no governo autoritário.

A segunda característica é a aliança momentânea entre os grupos médios empobrecidos nos últimos anos e as classes mais pobres e humildes<sup>33</sup>. Além disso, o sociólogo defende, ainda, que as revoltas contra os regimes autoritários no mundo árabe são uma continuação do processo de democratização iniciado na América Latina na década de 1980, que se prolongou até o leste europeu em fins da mesma década e início dos anos de 1990.

Outro intelectual que também corrobora essa percepção, que dissocia o movimento do chamado fundamentalismo islâmico ou islamita, é Slavoj Žižek.<sup>34</sup> Ao se referir, principalmente, às revoltas ocorridas na Tunísia e no Egito, ele argumenta que a presença dos grupos fundamentalistas é praticamente nula. Para ele, “[...]na melhor tradição secular democrática, o povo simplesmente se revoltou contra um regime opressor, sua corrupção e pobreza, e exigiu liberdade e

esperança econômica.”<sup>35</sup> Zizek, indo ao encontro da opinião de Sami Nair, citada acima, rechaça ainda o argumento corrente nos círculos ocidentais de que eleições livres significam a entrega do poder aos radicais islâmicos.<sup>36</sup>

Tariq Ali,<sup>37</sup> importante crítico paquistanês da política ocidental na região do Oriente Médio, destaca que esse é um segundo momento do despertar árabe – o primeiro despertar, segundo o autor, ocorreu na conjuntura da emergência do nacionalismo árabe dos anos de 1950-1960, encabeçados pelo Egito de Nasser. Esse segundo momento se caracteriza por uma luta contra a dominação estrangeira, especialmente contra os Estados Unidos, e pela luta por seus direitos democráticos, sociais, políticos e religiosos que são usurpados por uma elite que se cegou pela sua própria ilegitimidade.<sup>38</sup>

Desse modo, conforme apontado pelos três estudiosos citados anteriormente, os movimentos têm em comum um forte componente secular demonstrado, principalmente, pela inexistência de lideranças religiosas a capitanearem os protestos e as críticas aos regimes estabelecidos. Mesmo no Egito, a adesão da irmandade muçulmana às revoltas foi posterior ao início das mesmas<sup>39</sup> e a sua entrada no contexto político dos protestos deixa o prognóstico sobre o futuro político do país indeterminado.

Outro dado característico comum a esses movimentos é a luta empreendida pelas pessoas na busca de reformas que possam levar a uma melhoria nas suas condições de vida, bem como a uma maior democratização das sociedades. Além disso, acrescenta-se a essa onda de manifestações e reivindicações o uso de redes sociais como um importante instrumento na organização das mobilizações das massas, principalmente em meio aos manifestantes mais jovens.

A partir de uma ação de inteligência coletiva possibilitada pela Cultura da Convergência – que atuou, neste caso, via *youtube*, *twitter* e

*facebook* –, a sociedade foi estimulada a discutir e debater sobre os problemas sociais e políticos em que se encontrava envolta, mobilizando e organizando manifestações partidárias, sem lideranças claras e constituídas de público heterogêneo, que resultaram nos conflitos e derrubada de regimes repressivos no Oriente Médio:

Do Oriente Próximo a Cuba, passando pela Argélia, a internet oferece ferramentas para interconectar povos e, ao mesmo tempo, permite que cada um se organize e estimule iniciativas locais. Diante da informação “imposta” pelos grandes meios de comunicação – cuja recepção é essencialmente passiva –, as novas mídias parecem ter inventado a fórmula da alquimia que transforma informação em participação, e participação em ação. Os internautas são convidados a compartilhar essa nova ideia surgida no Magreb: a ditadura não é o único horizonte político.<sup>40</sup>

Cabe ressaltar, que as revoltas não são “frutos” da internet. Aumento nos preços dos alimentos, desemprego, falta de oportunidades e uma série de outros fatores são a verdadeira causa das revoltas. No entanto, as ferramentas disponíveis na web permitiram a articulação das manifestações, agendando datas, horários e locais específicos para passeatas e protestos, além de possibilitar a disseminação de vídeos, fotos e textos que ampliavam o número de manifestantes a cada ação agendada. A internet é o principal meio pelo qual a inteligência coletiva se faz valer. Uma das maiores evidências recente disso foi o advento das grandes manifestações na Tunísia e no Egito, configurando uma cultura política marcada por mobilização popular que acarretou a derrubada de velhas ditaduras.

## **Considerações finais**

Nos dois casos analisados, observou-se que a Inteligência Coletiva surge de forma espontânea e natural através da internet. No primeiro momento, ela ainda é voltada para discussões de entretenimento e, em

seguida, principia a interferir em questões de cunho político e econômico. Assim como Pierre Lévy e Henry Jenkins, acreditamos que no futuro a inteligência coletiva será utilizada para o desenvolvimento de novas tecnologias e em pesquisas de todos os tipos, unindo pessoas de todo o mundo em discussões sobre uma única temática, agilizando o processo de produção do conhecimento.

No caso da *Arezzo*, verificamos que o público se tornou cada vez mais participativo das campanhas de marketing nessa Cultura da Convergência. Assim como pode ser desenvolvido um marketing positivo e de ligação afetiva, percebemos que o marketing negativo também pode ser desenvolvido pelo público, como ocorreu na campanha da coleção outono/inverno 2011 da *Arezzo* com peles de animais, gerando assim o *hate marker* ou afastamento afetivo e depreciação da marca.

O ponto fundamental nos casos analisados das Revoltas no Oriente Médio é a utilização dos meios virtuais para mobilização e organização da massa popular quanto aos manifestos que questionaram os governos de Ben Ali, na Tunísia, e de Hosni Mubarak, no Egito, terminando por desencadear uma onda de manifestações que culminaram com a derrubada destes dois governos repressivos.

A sociedade contemporânea tem na Cultura da Mídia uma importante ferramenta que abarca questões além da dimensão da diversão e do entretenimento. O atual estágio do desenvolvimento tecnológico impulsionou os meios de comunicação a um papel cada vez mais central na vida cotidiana das populações espalhadas nos quatro cantos do globo. A Cultura Política é reflexo do desenvolvimento histórico da sociedade.

A mídia eletrônica contribuiu para que as populações dos países árabes se organizassem e se mobilizassem diante da tomada de consciência acerca da sua realidade miserável e opressiva. A História do

Tempo Presente contribui para o entendimento de parte da dinâmica que descortina os fenômenos relacionados ao comportamento dos homens em um período que é marcado, acima de tudo, pelo universo midiático audiovisual.

## NOTAS

---

\* Doutor e professor da UNIMONTES; Coordenador do Grupo de Estudos de História do Tempo Presente do Núcleo de História e Cultura Regional – NUHICRE da UNIMONTES. E-mail: cesarportoporto@hotmail.com.

\*\* Mestrando em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Graduado em História pela UNIMONTES e membro do Grupo de Estudos de História do Tempo Presente do Núcleo de História e Cultura Regional – NUHICRE da UNIMONTES.

E-mail: mfelipe29@yahoo.com.br.

\*\*\* Pós-graduado em História Sociedade e Cultura no Brasil pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Graduado em História pela UNIMONTES e membro do Grupo de Estudos de História do Tempo Presente do Núcleo de História e Cultura Regional – NUHICRE da UNIMONTES. E-mail: jose.eustaquio.chaves.filho@ig.com.br.

\*\*\*\* Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Graduada em História pela UNIMONTES e membro do Grupo de Estudos de História do Tempo Presente do Núcleo de História e Cultura Regional – NUHICRE da UNIMONTES. E-mail: karinerodriguesdias@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> NORA, Pierre. O acontecimento e o historiador. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, George (Orgs.). *História e Nova História*. Lisboa. Teorema, 1976, p.183.

<sup>2</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou, o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro. Jorge Zarah, 2001, pp.67-68.

<sup>3</sup> BLOCH, Marc, *op. cit.*, p. 62.

<sup>4</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sobre história*. São Paulo. Companhia das Letras, 1998.

<sup>5</sup> Segundo Jean-Pierre Rioux, “[...]o argumento da ‘falta de recuo’ não se sustenta, (...), pois é o próprio historiador, desempacotando sua caixa de instrumentos e experimentando suas hipóteses de trabalho, que cria sempre, em todos os lugares e por todo tempo, o famoso ‘recuo’.” Ver mais em: Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAUVEAU, Agnès; TÉTARD, Philippe. *Questões para a história do presente*. São Paulo. Edusc, 1999, pp.46-47.

---

<sup>6</sup> John B. Thompson destacou que o desenvolvimento dos meios de comunicação afetou o sentido do espaço e de tempo das pessoas, revelando novas formas de percepção de mundo, que podem ser explicadas, a partir de três conceitos elaborados pelo autor: *historicidade mediada* em que nosso sentido de passado se torna cada vez mais dependente das formas simbólicas difundidas pela mídia; *mundanidade mediada* que demonstra que a compreensão de mundo dos indivíduos está sendo modelada cada vez mais pela mediação de formas simbólicas; e por fim, de *contemporaneidade mediada* que remete ao fato de que na atualidade as pessoas se informam dos acontecimentos contemporâneos através dos meios de comunicação modernos. Detalhes da discussão em: THOMPSON, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Rio de Janeiro. Vozes, 1999, pp. 38-39.

<sup>7</sup> KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. São Paulo. EDUSC, 2001, p. 52.

<sup>8</sup> LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo. Loyola. 2007, p. 12.

<sup>9</sup> JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo. Aleph, 2009, pp. 29-30.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 30.

<sup>11</sup> LÉVY, Pierre, *op. cit.*, 2007. p. 13.

<sup>12</sup> LÉVY, Pierre, *op. cit.*, 2007.

<sup>13</sup> JENKINS, Henry, *op. cit.*, 2009, pp. 382-383.

<sup>14</sup> Esses protestos ficaram conhecidos como a “Primavera Árabe”, onde movimentos populares derrubaram governos ditatoriais e monarquias autocráticas. Na Tunísia, Líbia, Egito e Iêmen os governantes foram derrubados. Na Síria a guerra civil se prolonga entre forças rebeldes e o governo. No Marrocos, Omã, Barein, Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Jordânia ocorreram muitas manifestações que levaram a mudanças políticas sem alterar o grupo governante. Até mesmo em países não árabes ocorreram manifestações populares, como no Irã de origem persa.

<sup>15</sup> JENKINS, Henry *op. cit.*, 2009, p.30.

<sup>16</sup> PETA é um acrônimo para referir-se a organização *People for the Ethical Treatment of Animals* (Pessoas que defendem o tratamento ético dos animais). É a maior organização do mundo na luta pelos direitos dos animais.

<sup>17</sup> OLIVEIRA, Anna Carolina. Toda essa confusão é fruto da internet. In: *Revista Veja São Paulo*, p. 1. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/noticias/polemica-arezzo>. Acesso em: 19 de abr. 2011.

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Anna Carolina. Toda essa confusão é fruto da internet. In: *Revista Veja São Paulo*, p. 1. Disponível em: <http://vejasp.abril.com.br/noticias/polemica-arezzo>. Acesso em: 19 de abr. 2011.

<sup>19</sup> BERSTEIN. A cultura política. In: RIOUX, Jean; SIRINELLI, Jean (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa. Estampa, 1998.

<sup>20</sup> Sobre o mundo árabe ver: LEWIS, Bernard. *Os árabes na história*. Lisboa. Estampa, 1996. Ver também: HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

<sup>21</sup> LEWIS, Bernard. *Os árabes na história*. Lisboa. Estampa, 1996.

---

<sup>22</sup> HOURANI, Albert. *Uma História dos Povos Árabes*. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

<sup>23</sup> Após a derruba do ditador Zine El Abidine Ben Ali, chegou ao poder o partido islâmico Ennahda que é acusado de tentar reislamizar a Tunísia por meio da intimidação da oposição e assassinato dos líderes da oposição (entre eles o advogado e líder da oposição de esquerda Chokri Belaid, de 48 anos). O Ennahda não conseguiu montar um gabinete de ministros para redigir a constituição e muito menos indicar ações para reduzir o desemprego e melhorar os indicadores econômicos. Ver mais em: CARTA, Giani. É o outono do Jasmin? *In: Carta Capital*. Ano XVIII, nº736, 20 de fev.de 2003.

<sup>24</sup> CARTA, Gianni. *O arabismo renovado*. Carta Capital, edição 631. 2011.

<sup>25</sup> Segundo Sami Zubaida, os regimes autoritários e a impotência popular foram rompidos pela emergência dos novos meios de comunicação sociais, abrindo espaço para uma nova geração de ativistas com uma preocupação universalista com a justiça e liberdade social, que institucionalizados serão a base da democracia futura. Para mais informação: ZUBAIDA, Sami. Una Perspectiva Histórica de la “Primavera Árabe”. *In: Instituto da Cultura Árabe*. Disponível em: <[http://www.icarabe.org/sites/default/files/una\\_perspectiva\\_historica\\_de\\_la\\_primavera\\_arabe\\_\\_sami\\_zubaida.pdf](http://www.icarabe.org/sites/default/files/una_perspectiva_historica_de_la_primavera_arabe__sami_zubaida.pdf)>. Acesso em: 28 de abr. 2013.

<sup>26</sup> Segundo Maria Benilde, na Tunísia a internet teve papel importante mas secundário, pois a Al Jazeera tornou-se o canal de informação livre capaz de transmitir as imagens das manifestações e imolações públicas diretos dos celulares para os televisores. Leia mais em: BENILDE, Maria. Internet semeia a palavra democrática. *In: Dossiê Le Monde Diplomatique Brasil: o despertar do mundo árabe*. N.º 06, ano 1, julho/agosto de 2011.

<sup>27</sup> BENILDE, Maria, *op. cit.*, 2011, p. 37.

<sup>28</sup> *Idem*.

<sup>29</sup> *Idem*.

<sup>30</sup> LIMA, Luciana. Efeito dominó no mundo árabe tem influência da globalização. *In: Carta Capital*. Edição 631, 2011.

<sup>31</sup> BENILDE, Maria, *op. cit.*, 2011, p. 39.

<sup>32</sup> FEBBRO, Eduardo. A Revolução dos Jasmins contra as autocracias: Entrevista com Sami Nair. *In: Carta Capital*. edição 631. 2011.

<sup>33</sup> FEBBRO, Eduardo, *op. cit.*, 2011, p. 12.

<sup>34</sup> Slavoj Žizek é sociólogo e filósofo de origem eslovena. Professor na Universidade de Liubliana, e professor convidado nas universidades de Princeton, Columbian e Michigan.

<sup>35</sup> ŽIZEK, Slavoj. Porque temer o espírito revolucionário árabe? *In: Carta Capital*. Disponível em: <http://cartacapital.com.br/internacional/por-que-temer-o-espirito-revolucionario-arabe-por-slavoj-zizek>. Acessado em: 11 mar. 2011.

<sup>36</sup> Em 2012 ocorreu a vitória da Irmandade Muçulmana nas eleições egípcias. Conforme Samir Amín, a vitória dos radicais islâmicos não representa a islamização do país, pois será mantido o privilégio dos militares que controlam a economia egípcia e legitimam o poder estabelecido. Mudanças positivas são destacadas como o fim da repressão policial e maior liberdade política. Contudo,

---

mudanças negativas também são vistas como retrocesso nos direitos das mulheres e no debate religioso. No campo econômico, de imediato, poucas mudanças foram previstas já que o novo governo se comprometeu a cumprir as exigências do FMI e automaticamente a dependência econômica em relação aos EUA, consequentemente sem alterar de modo significativo a condição de vida da população. Leia mais em: *Instituto da Cultura Árabe*. Disponível em: [http://www.icarabe.org/sites/default/files/r.nasser\\_os\\_militares.pdf](http://www.icarabe.org/sites/default/files/r.nasser_os_militares.pdf). Acesso em: 28 de abr. 2013.

<sup>37</sup> COSTA, Antônio L. M. Dias de abalar o mundo. In: *Carta Capital*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/dias-de-abalar-o-mundo-2>. Acesso em: 16 mar. 2011.

<sup>38</sup> VENTURA, Christopher. *Assistimos a segunda etapa histórica do despertar árabe*: em Entrevista ao Memoires Dês luttés, o escritor e historiador de origem paquistanesa, radicado na Inglaterra, Tariq Ali fala sobre a conjuntura no mundo árabe. Traduzida por Carlos Santos. Disponível em: [www.esquerda.net](http://www.esquerda.net). Acessado em: 10 mar. 2011.

<sup>39</sup> Exceção a este argumento é a opinião de Antônio Luiz M. Costa (articulista internacional da revista Carta Capital), que destaca que o papel da Fraternalidade Muçulmana no Egito cresceu visivelmente ao longo da revolta. Para ele, o povo egípcio parece inclinar-se para algo parecido com uma “democracia islâmica”, de cunho “não liberal”, pois, conforme o mesmo, boa parte da população do Egito vê com bons olhos o papel do islã na política. Para mais informação: COSTA, Antônio L. M. Dias de abalar o mundo. In: *Carta Capital*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/internacional/dias-de-abalar-o-mundo-2>. Acesso em: 16 mar. 2011.

<sup>40</sup> BENILDE, Maria, *op. cit.*, 2011, p. 39.

Data de envio: 28/01/2013

Data de aceite: 05/02/2013